

A nova morfologia do trabalho e os (des)caminhos do sindicalismo

ÁLVARO KASSAB
kassab@reitoria.unicamp.br

“Este livro não é apenas a melhor referência de hoje sobre o tema, mas um documento que deveria ser paradigmático para todo trabalho coletivo na pesquisa científica”. O comentário, feito pelo sociólogo Francisco de Oliveira para a “orelha” do livro *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil* (Boitempo Editorial), sintetiza a contribuição e a importância da obra para a compreensão dos fatores que transformaram o mercado de trabalho, a partir da década de 1990, com o advento da reestruturação produtiva.

O livro é fruto da pesquisa coletiva “Para onde vai o mundo do trabalho? As formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil”, cuja coordenação ficou a cargo do sociólogo Ricardo Antunes, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Financiados pelo CNPq, os estudos, que tiveram início no começo de 2000, vão ser aprofundados. Integram o grupo 12 doutorandos, cinco mestrandos e três graduandos com bolsas de iniciação científica, todos do IFCH, além de dez docentes de outras universidades.

“Trata-se de pesquisa orientada por uma dada forma de conceber a sociologia do trabalho, que recusa a neutralidade ao tratar da realidade fabril e de serviços. Assim fazendo, esperamos contribuir para uma melhor inteligência da particularidade do capitalismo recente no Brasil e da configuração assumida pelo mundo do trabalho, em que a riqueza e a miséria estão presentes de modo relacional, dando forma e conteúdo à nossa formação social”, escreve Antunes na introdução, acrescentando em seguida que “o recetário definido no Consenso de Washington desencadeou uma enorme onda de desregulamentação nas mais distintas esferas do mundo do trabalho”. O sindicalismo é contemplado no escopo dos trabalhos.

Esse esforço de pesquisa está sintetizado no livro, que conta ainda com artigos de autoria do filósofo húngaro István Mészáros e do economista Marcio Pochmann, docente do Instituto de Economia da Unicamp. A obra reúne ao todo 23 artigos e está dividida em três grandes temas: 1) a explosão do desemprego e as distintas modalidades de precarização do trabalho; 2) as formas diferenciadas da reestruturação produtiva do capital e a nova morfologia do trabalho; e 3) dimensões da crise do sindicalismo: caminhos e descaminhos. Antunes revela nuances e as principais conclusões da pesquisa na entrevista que segue.

JU – O que aponta o conjunto de pesquisas do livro?

Antunes – Nós conseguimos desenhá-la, nessa pesquisa, alguns traços da nova morfologia do trabalho no Brasil. Constatamos que não se trata mais de uma precarização circunstancial, oscilante, mas estamos presenciando uma precarização estrutural do trabalho. Este é o dado mais forte e presente nas diversas categorias e ramos de trabalho estudados. Para crescer e competir hoje, é preciso aumentar a produtividade; para aumentá-la, é preciso reduzir custos, fazer a “fiofização organizacional”. Isso significa entrar numa guerra na qual o padrão chinês de remuneração da força de trabalho joga o salário dos trabalhadores no nível mais baixo possível. O desemprego decorre desse estado de coisas.

É interessante constatar que, nesse novo desenho, temos também muitas diferenças. No setor metalúrgico, por exemplo, você tem uma mesma empresa como a Volkswagen, que está desestruturando sua fábrica no ABC e, ao mesmo tempo, conta em Rezendé, no Rio, com uma planta flexibilizada, cujos trabalhadores são inteiramente terceirizados.

Na região de Campinas, por exemplo, a Toyota só contrata trabalhadores jovens, de 20 anos de idade ou pouco mais, sem experiência sindical e política, sem passado taylorista e fordista. É de preferência, solteiros, para que possam engajar-se no projeto de “envolvimento” da empresa.

JU – Quais são as atividades que enfrentam retração e as que mais se expandem?

Antunes – Constatamos que, paralelamente ao definhamento de setores como calçadista e têxtil, há uma explosão do trabalho do telemarketing. São cerca de 600 mil, sendo que mais de 70% dessa força de trabalho é composta por mulheres. As condições de trabalho são muito duras. O ritmo e a intensidade das atividades, as doenças como LER [lesões por esforço repetitivo] nos bancos e telemarketing, são típicas da era da informatização do trabalho. O que nos levou a outra constatação: em plena época do maquinário informacional, estamos presenciando a fase da informalização do trabalho.

Há também um processo muito significativo de “feminização” do trabalho, presente em vários ramos

e setores, o que acompanha uma tendência também presente nos países de capitalismo avançado. Mostrando também que atividades pouco estudadas anteriormente, como o canto lírico e as orquestras – que são trabalhos mais requintados –, sofreram as consequências dessa reestruturação produtiva. O trabalho do cantor lírico, por exemplo, já é por natureza marcado pela forte individualização e pela alta competição entre o número restrito e qualificado de artistas. Num contexto que desregulamentou também esse setor, a quase virtualidade do trabalho também se acentua.

A pesquisa conseguiu desenhá-la, nessa pesquisa, alguns traços da nova morfologia do trabalho no Brasil. Constatamos que não se trata mais de uma precarização circunstancial, oscilante, mas estamos presenciando uma precarização estrutural do trabalho. Este é o dado mais forte e presente nas diversas categorias e ramos de trabalho estudados. Para crescer e competir hoje, é preciso aumentar a produtividade; para aumentá-la, é preciso reduzir custos, fazer a “fiofização organizacional”. Isso significa entrar numa guerra na qual o padrão chinês de remuneração da força de trabalho joga o salário dos trabalhadores no nível mais baixo possível. O desemprego decorre desse estado de coisas.

É interessante constatar que, nesse novo desenho, temos também muitas diferenças. No setor metalúrgico, por exemplo, você tem uma mesma empresa como a Volkswagen, que está desestruturando sua fábrica no ABC e, ao mesmo tempo, conta em Rezendé, no Rio, com uma planta flexibilizada, cujos trabalhadores são inteiramente terceirizados.

JU – Onde está a riqueza e onde está a miséria?

Antunes – O Brasil já foi a sétima, oitava do mundo – hoje está próximo da 15ª posição. Se imaginarmos ainda que o país, junto com o México, é a maior economia da América Latina, fica demonstrado que há um potencial de produção de riqueza muito grande, que vai da indústria aos bancos, do comércio à agricultura. Entretanto, o mesmo contingente de 80 milhões de trabalhadores que compreende a nossa população economicamente ativa, que produz essa riqueza, tem como resultante uma classe trabalhadora empobrecida, frequentemente marcada por níveis de superperização e mesmo de miséria, seja material, seja imaterial ou espiritual.

Essa miséria, portanto, não afeta apenas o contingente de desempregados. Esse empobrecimento atinge também uma parcela significativa de trabalhadores empregados, como, por exemplo, no setor informal, amplamente analisado no livro. Essas mesmas condições são vivenciadas também por trabalhadores assalariados no ramo têxtil e de calçados, por exemplo, dado o fechamento de milhares de postos de trabalho. A ideia do título do livro foi explorar essa dialética da riqueza e da miséria.



Foto de Sebastião Salgado que ilustra a capa do livro “Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil”; obra organizada por Ricardo Antunes tem mais de 500 páginas e contempla linha de pesquisa que reuniu 18 alunos do IFCH

está marcado por um intenso processo de precarização, que denominamos estrutural. Essas constatações estão presentes até mesmo nos setores mais qualificados e avançados. Trata-se de um mundo que cria riqueza e agrega valor, mas que tem um traço marcante dessa inserção na globalidade do capital dada pelas distintas formas de precarização e perda do trabalho.

JU – Quais foram?

Antunes – O primeiro foi o fato de a nossa reestruturação produtiva ter chegado relativamente de uma forma tardia. Nos países do centro, ela teve início em meados dos anos 70 e se intensificou na década seguinte. No Brasil houve um ensaio tímido em meados dos 80, mas ela veio de maneira explosiva na década de 90. Foi um movimento avassalador.

O segundo movimento deu-se por essa reestruturação ter coincidido com a implantação no país da pragmática neoliberal, que culminou com a desregulamentação da economia, a liberação das importações e o início da flexibilização do trabalho. No governo Collor isso se iniciou, mas no de Fernando Henrique Cardoso, como não foi possível alterar a CLT na sua espinha dorsal, porque havia muita resistência dos sindicatos, ocorreu um duplo movimento. De um lado, as empresas começaram a implantar, na concretude do seu dia-a-dia, uma “flexibilização forçada”. E, para isso, o governo Fernando Henrique tomou algumas medidas que foram flexibilizando e desorganizando (da margem ao centro) o mercado de trabalho no Brasil.

Uma delas foi dar respaldo jurídico para que o empresariado impusesse essa flexibilização. Em meados dos anos 90, nós começamos a ver a informalidade saltar de 15%, 20% para 40%. Se a gente pensar a informalidade no sentido lato, hoje ela já se aproxima da casa dos 60%, o que

significa algo em torno de 48 milhões de pessoas, abrangendo uma gama muito variada de setores.

JU – O que mais chama atenção nessa reestruturação no conjunto dos trabalhos?

Antunes – Algumas conclusões são importantes. A primeira, que tem a ver com o fato de ela ter se dado tardia, mas intensa e concentradamente na década de 90. Quando veio, foi para valer. A combinação desse caráter tardio com a intensidade de fez com que, em uma década, o Brasil se transformasse.

JU – Como se deu esse processo no Brasil?

Antunes – Vários dos antigos militantes sindicais do Partido Comunista Brasileiro (PCB), por exemplo, foram para a CGT e depois migraram para a Força Sindical. Paralelamente a esse empalmeamento da esquerda (especialmente, mas não só) ligada ao projeto soviético, houve também um quarto movimento: o social-democracia, que tinha um claro sentido reformista e social dos anos 20 aos 50, foi empurrada nos 70 e 80 para a agenda neoliberal, gerando o social-liberalismo. Essa migração da esquerda socialista ou comunista para posições mais à direita, e da social-democracia para a agenda neoliberal, enfraqueceu muito o mundo do trabalho. É um conjunto de mudanças que tocaram na materialidade e na subjetividade. Isto fez com que, no caso brasileiro, o mundo do trabalho e sua representação sindical fossem profundamente alterados.

Bastaria dar dois exemplos. Um deles é a migração que a CUT faz para o sindicalismo negocial, de parceria, mas moderado. O outro é a migração que o PT faz, que se consolidou agora com a vitória de Lula. Deixou de ser um partido de esquerda para virar um partido tradicional, que faz política como os demais fazem. Tornou-se o que venho, há um bom tempo, chamando de Partido da Ordem.

JU – O senhor mencionou as eleições. Elas foram marcadas pela polêmica a respeito das privatizações. Que análise o senhor faz delas nesse quadro mais geral do mundo do trabalho?

Antunes – O efeito foi intenso. O Brasil tinha um tripé que estruturava

em algumas áreas, muito em outras, mas todos os setores analisados sofreram o impacto dessa reestruturação. De tal modo que, enquanto momento tendencial, já não somos mais um país exclusivamente taylorista ou fordista, mas presenciamos uma clara hibridização entre formas remanescentes do fordismo/taylorismo com elementos oriundos do chamado toyotismo e, em especial, da chamada acumulação flexível. Isso porque todos os setores estudados foram bastante afetados por esse ideário e essa pragmática que marcam a reengenharia da chamada empresa moderna.

Antunes – Nós vamos aqui caminhar em direção a outra leitura e concepção, na contramão. Ela foi tardia porque houve resistência dos trabalhadores. Foi um movimento positivo porque aos trabalhadores cabe a defesa de seus interesses e de seus direitos. Se ela estivesse vindo anteriormente, a precarização seria ainda anterior. O fato de ela ter vindo tardiamente não é um defeito, mas sim um mérito, quando o olhar foca o universo do trabalho.

JU – Por quê?

Antunes – Por que o sindicalismo brasileiro, nos anos 80, caminhou na contracorrente do sindicalismo internacional. Enquanto no sindicalismo dos países avançados já havia uma crise ampliada, nós tivemos aqui uma década dourada. Bastaria dizer que em 83 nasceu a CUT e, depois, outras centrais vieram na esteira. Tivemos ainda a Constituinte de 86 a 88, com os sindicatos pressionando muito para que ela garantisse direitos aos trabalhadores, para que fosse socialmente positiva. Podemos dizer, hoje, depois da onda neoliberal (e social-liberal) que ela é bastante razoável no plano dos direitos do trabalho.

Tivemos também uma vaga grevista imensa nos anos 80 que impediu que esse processo destrutivo viesse anteriormente. Foi a época da explosão do novo sindicalismo, ajudando a tirar o Brasil da ditadura militar. As forças sociais do trabalho exercitaram muita potencialidade, o que travava essa reestruturação produtiva, que era obra dos capitais. E é preciso dizer: assim como ela é considerada positiva para os capitais, ela é destrutiva para o trabalho. Houve um embate. Por outro lado, nos anos 80, tivemos a primeira metade sob a ditadura militar e a segunda sob o projeto do PMDB. Mas não foi o governo Sarney que alavancou o neoliberalismo no Brasil.

JU – O que isso quer dizer?

Antunes – Se o taylorismo e o fordismo ainda não morreram no Brasil, a indústria que seguiu o seu desenho foi fortemente afetada. Por outro lado, todos os ramos pesquisados foram flexibilizando e desorganizando (da margem ao centro) o mercado de trabalho no Brasil. Uma delas foi dar respaldo jurídico para que o empresariado impusesse essa flexibilização. Em meados dos anos 90, nós começamos a ver a informalidade saltar de 15%, 20% para 40%. Se a gente pensar a informalidade no sentido lato, hoje ela já se aproxima da casa dos 60%, o que

Continua na página 5

em algumas áreas, muito em outras, mas todos os setores analisados sofreram o impacto dessa reestruturação. De tal modo que, enquanto momento tendencial, já não somos mais um país exclusivamente taylorista ou fordista, mas presenciamos uma clara hibridização entre formas remanescentes do fordismo/taylorismo com elementos oriundos do chamado toyotismo e, em especial, da chamada acumulação flexível. Isso porque todos os setores estudados foram bastante afetados por esse ideário e essa pragmática que marcam a reengenharia da chamada empresa moderna.

JU – O Brasil estava preparado para essa reestruturação? De quem é a responsabilidade por termos chegado a esse estado de coisas?

Antunes – Nós vamos aqui caminhar em direção a outra leitura e concepção, na contramão. Ela foi tardia porque houve resistência dos trabalhadores. Foi um movimento positivo porque aos trabalhadores cabe a defesa de seus interesses e de seus direitos. Se ela estivesse vindo anteriormente, a precarização seria ainda anterior. O fato de ela ter vindo tardiamente não é um defeito, mas sim um mérito, quando o olhar foca o universo do trabalho.

JU – Quais foram os efeitos?

Antunes – Com a terciarização da produção, várias empresas eliminaram seus trabalhadores estáveis – contratam quando tem produção, e demitem quando há retração da economia. O terceiro elemento, que é um componente ideológico importante, foi o fim da União Soviética, na virada dos anos 80 e começo dos 90. Houve uma avalanche ideológica que se celebrou na fala de Margaret Thatcher (“Não há alternativa”) ou ainda na fala apologetica de Fukuyama (“O fim da História”). Havia a ideia de que o capitalismo finalmente era vitorioso e de que o socialismo tinha morrido. Isso empalmeou muitos partidos de esquerda, sindicais e partidários, que estavam aprisionados ao modelo soviético. Com o fim da União Soviética, então, muitos abandonaram a perspectiva de avanço da esquerda (sindical e partidária) e migraram, mais ou menos lentamente, para o lado conservador.

Antunes – Com a terciarização da produção, várias empresas eliminaram seus trabalhadores estáveis – contratam quando tem produção, e demitem quando há retração da economia. O terceiro elemento, que é um componente ideológico importante, foi o fim da União Soviética, na virada dos anos 80 e começo dos 90. Houve uma avalanche ideológica que se celebrou na fala de Margaret Thatcher (“Não há alternativa”) ou ainda na fala apologetica de Fukuyama (“O fim da História”). Havia a ideia de que o capitalismo finalmente era vitorioso e de que o socialismo tinha morrido. Isso empalmeou muitos partidos de esquerda, sindicais e partidários, que estavam aprisionados ao modelo soviético. Com o fim da União Soviética, então, muitos abandonaram a perspectiva de avanço da esquerda (sindical e partidária) e migraram, mais ou menos lentamente, para o lado conservador.

Antunes – Vários dos antigos militantes sindicais do Partido Comunista Brasileiro (PCB), por exemplo, foram para a CGT e depois migraram para a Força Sindical. Paralelamente a esse empalmeamento da esquerda (especialmente, mas não só) ligada ao projeto soviético, houve também um quarto movimento: o social-democracia, que tinha um claro sentido reformista e social dos anos 20 aos 50, foi empurrada nos 70 e 80 para a agenda neoliberal, gerando o social-liberalismo. Essa migração da esquerda socialista ou comunista para posições mais à direita, e da social-democracia para a agenda neoliberal, enfraqueceu muito o mundo do trabalho. É um conjunto de mudanças que tocaram na materialidade e na subjetividade. Isto fez com que, no caso brasileiro, o mundo do trabalho e sua representação sindical fossem profundamente alterados.

JU – Mas nem todos eram egresos desse novo sindicalismo.

Antunes – As origens são de fato diferentes. Enquanto Lula entrou na ação sindical sem nenhuma experiência política anterior, Gushiken e muitos outros tiveram uma grande militância na esquerda. Digamos que esse movimento é heterogêneo na sua gênese. Mas as mutações dos anos 90 e pertencimento de todos à tendência Articulação Sindical, que domina

no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

JU – Mas nem todos eram egresos desse novo sindicalismo.

Antunes – As origens são de fato diferentes. Enquanto Lula entrou na ação sindical sem nenhuma experiência política anterior, Gushiken e muitos outros tiveram uma grande militância na esquerda. Digamos que esse movimento é heterogêneo na sua gênese. Mas as mutações dos anos 90 e pertencimento de todos à tendência Articulação Sindical, que domina



Ricardo Antunes, coordenador da pesquisa coletiva: “A precarização do trabalho não é circunstancial, mas estrutural”

no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

JU – Mas nem todos eram egresos desse novo sindicalismo.

Antunes – As origens são de fato diferentes. Enquanto Lula entrou na ação sindical sem nenhuma experiência política anterior, Gushiken e muitos outros tiveram uma grande militância na esquerda. Digamos que esse movimento é heterogêneo na sua gênese. Mas as mutações dos anos 90 e pertencimento de todos à tendência Articulação Sindical, que domina

no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

JU – Mas nem todos eram egresos desse novo sindicalismo.

Antunes – As origens são de fato diferentes. Enquanto Lula entrou na ação sindical sem nenhuma experiência política anterior, Gushiken e muitos outros tiveram uma grande militância na esquerda. Digamos que esse movimento é heterogêneo na sua gênese. Mas as mutações dos anos 90 e pertencimento de todos à tendência Articulação Sindical, que domina

no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

JU – Dá para generalizar?

Antunes – Isso se deu principalmente na tendência dominante dentro da CUT – a Articulação Sindical, que viveu intensamente esse processo. Não diria que esse processo é de despolitização, mas de troca de uma ação sindical combativa e com contornos políticos nos anos 80, para uma política subordinada à ordem e cada vez mais negocial e parceira do capital.

Essa ascensão sócio-política fez com que parte deles, hoje no poder, se sintam muito confortável, seja como políticos ou como parceiros de uma política destrutiva que negavam no passado e hoje navegam com desenvoltura. Desde a gestão de fundos políticos, a ascensão pelos fundos de pensão, para não falar na participação de tantos deles nos casos de corrupção. Um traço muito impressionante é que todos esses escândalos que atingiram o governo Lula – do mensalão até o dossiê – têm a significativa presença de sindicalistas que foram parte desse novo sindicalismo. Isso é sintomático do nível de deterioração desse processo. De sindicalistas a “analistas simbólicos”, chegaram a “grande política” para reproduzirem a “velha política”, o contrário do que propugnavam há 20 anos atrás.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

Se no passado, eles tinham grande diferenciação na origem, no presente eles foram se moldando a esse projeto de ascensão social, de despolitização no sentido do sindicalismo de esquerda e crítico, assumindo uma outra politização no sentido de adequação à ordem.

JU – Mas nem todos eram egresos desse novo sindicalismo.

Antunes – As origens são de fato diferentes. Enquanto Lula entrou na ação sindical sem nenhuma experiência política anterior, Gushiken e muitos outros tiveram uma grande militância na esquerda. Digamos que esse movimento é heterogêneo na sua gênese. Mas as mutações dos anos 90 e pertencimento de todos à tendência Articulação Sindical, que domina